

COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO DE TÊXTEIS E CONFECÇÕES: A CONTRIBUIÇÃO DA FIBRA DE ALGODÃO

Marisa Zeferino Barbosa¹, Sebastião Nogueira Junior¹, Benedito Barbosa de Freitas¹. (1) Instituto de Economia Agrícola, Caixa Postal 68.029, CEP 04047-970, São Paulo-SP, mzbarbosa@iea.sp.gov.br; senior@iea.sp.gov.br, bfreitas@iea.sp.gov.br.

RESUMO

O artigo aborda a influência da fibra de algodão no comportamento do comércio exterior da cadeia de produção de têxteis e confecções do Brasil, assim como a relevância dessa matéria-prima para a agregação de valor nas exportações de manufaturados. Analisa-se a participação do algodão no total de importações de têxteis e confecções, no período de 1992 a 2002 e a representatividade das manufaturas de algodão *vis a vis* de outras fibras na composição das exportações brasileiras desses produtos, em 2001 e 2002. O desempenho do saldo da balança comercial de têxteis e confecções foi fortemente influenciado pelas internalizações de algodão. Os artigos de algodão foram responsáveis pela maior parcela das divisas geradas com as exportações brasileiras da cadeia têxtil, do mesmo modo que essa fibra foi a principal matéria-prima dos produtos de maior valor agregado constantes da pauta de exportação.

INTRODUÇÃO

As primeiras exportações brasileiras de manufaturados de algodão foram registradas em meados da década de 1920, favorecidas pela expansão da indústria têxtil ocorrida após a primeira Grande Guerra. Com a crise da cafeicultura e graças ao desenvolvimento de variedades "*que melhor se adaptassem ao altiplano paulista*", realizado pelo Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), garantia-se o abastecimento da crescente fabricação de têxteis de algodão. Assim, nos anos quarentas, o país já figurava ao lado das grandes nações manufatureiras dessa fibra (BRASIL, 1946).

Ao final do século XX, a política comercial brasileira relativa a cadeia produtiva de têxteis e confecções foi moldada pela abertura do mercado que se estendeu de 1986 a 1993, via reduções da alíquota média das tarifas de 83% para 14% (BARBOSA et al. 1997). No setor industrial, os impactos desse processo foram classificados por JAYO e NUNES (1998) como traumáticos, em virtude da concorrência com os importados de origem asiática. No caso da fibra de algodão, a isenção total de tarifas em 1990, trouxe o agravamento das condições para a comercialização do produto nacional e a ampliação da defasagem entre a produção e a demanda. Desse modo, a intensificação das importações de produtos em diversos estágios de transformação, conduziu a balança comercial têxtil a registrar saldos deficitários, para os quais contribuíram expressivamente as internalizações da fibra de algodão.

O Brasil integra o grupo dos dez maiores produtores de fios/filamentos, tecidos e malhas, sendo que no segmento de malhas com a predominância de algodão é o terceiro colocado, depois somente dos Estados Unidos e da Índia (GORINI, 2000). Ademais, a despeito da concorrência das fibras sintéticas, o algodão ainda é a principal matéria-prima da indústria têxtil nacional, respondendo por 59% do consumo total de fibras, em 2001¹ compondo, ainda, a maior parcela dos manufaturados destinados à exportação.

Em face da importância do algodão para a produção de têxteis e confecções no Brasil, pretende-se averiguar a influência da fibra no comportamento do comércio exterior dessa cadeia produtiva, assim como a sua relevância para a agregação de valor na pauta das exportações desses produtos.

¹ Conforme dados de BRASIL (2003a).

MATERIAL E MÉTODO

Os valores das exportações, importações e do saldo da balança comercial brasileira de produtos têxteis e confecções, no período de 1992 a 2002, foram obtidos de BALANÇA (2003). Os valores das importações brasileiras de fibra de algodão, de 1992 a 1999, referem-se aos publicados em BRASIL (1996-2000), de 2000 foram coletadas em SECEX (2003), e de 2001 e 2002, em BRASIL (2003c). Os valores das exportações de fibras, fios, tecidos, confecções e outras manufaturas, totais e de algodão, em 2001 e 2002, foram extraídas de BRASIL (2003b). Analisa-se a participação percentual do algodão na composição da pauta de importações de têxteis e confecções, no período de 1992 a 2002 e a contribuição dessa fibra nas exportações brasileiras de manufaturados têxteis, em 2001 e 2002.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O comportamento da balança comercial brasileira de têxteis e confecções evidencia o agravamento do quadro deficitário e, em especial, a forte influência das importações da fibra de algodão, ao longo dos anos noventa. Particularmente entre 1992 e 1997, período em que se registrou as mais elevadas importações de algodão, o saldo comercial têxtil passou de um superávit de US\$956 milhões para um déficit de US\$1,1 bilhão. Nesse subperíodo, a mais modesta participação relativa da fibra de algodão no valor total importado, foi da ordem de 24% em 1995, após ter alcançado 55% em 1993. Por outro lado, à medida da diminuição do ritmo das internalizações de algodão, o saldo comercial tornou-se ascendente a partir de 1998 (Figura 1).

Entre 1997 e 2002, a produção brasileira de algodão em pluma passou de 305,7 para 766,2 mil toneladas, com acréscimo, portanto, de 151%, reduzindo as necessidades de importações, as quais sofreram decréscimo de 85% no mesmo período, conforme a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). Além disso, o consumo doméstico de algodão tem apresentado tendência de retração a partir de 2000, o que também contribuiu para inibir as compras externas do produto. Não obstante esse fato e mesmo considerando-se a influência da desvalorização cambial no desempenho do saldo do comércio exterior, pode-se inferir que a retomada da produção nacional contribuiu para a recuperação do superávit do setor.

No tocante às exportações brasileiras de têxteis e confecções, essas somaram US\$1.185,5 bilhão, em 2002, acusando uma redução de 9% em comparação ao ano precedente. Entretanto, o aspecto a ser destacado consiste na forte participação da fibra de algodão na composição das manufaturas destinadas ao exterior. Os artigos de algodão responderam por 66,4% e por 63,2%, respectivamente, do valor total das exportações de têxteis e confecções, efetivadas em 2001 e 2002. O segmento de confecções foi o que teve a maior representatividade na pauta, com a contribuição do algodão atingindo 80%. Destaca-se, também, o crescimento das exportações de fios de algodão, em termos absolutos e relativos, de 39,3% para 52,2%, em detrimento das de fibra de algodão, de 74,2% para 57,4%. Por sua vez, os tecidos de algodão mantiveram sua elevada representação de 79,1%. As outras manufaturas de algodão foram as que apresentaram as menores participações de 9,8% e de 10,1%, respectivamente, em 2001 e 2002 (Tabela 1).

Desses resultados depreende-se a propensão brasileira para as exportações de produtos com maior valor agregado, assim como a relevância da fibra de algodão para o atendimento dessa tendência presente no mercado internacional.

CONCLUSÕES

Os têxteis e confecções têm exercido um papel importante na pauta de exportações brasileiras, representando 2% do total. Cabe lembrar que até recentemente o Brasil se colocava entre os maiores

importadores de fibra de algodão e têxteis diversos, mas graças ao soerguimento da cotonicultura nacional, sobretudo na Região Centro-Oeste, conseguiu-se reduzir a dependência de importações dessa matéria prima. Contudo, no âmbito mundial, as exportações da cadeia têxtil brasileira têm participação reduzida, o equivalente a menos de 1% do valor transacionado.

A cadeia têxtil do algodão tem cumprido seu papel de agregação de valor, conforme orientações do próprio Governo Federal, para todas as *commodities* da pauta de exportação, na busca de maiores divisas, mesmo sem aumentos expressivos de quantidade, em decorrência da forte concorrência no mercado global.

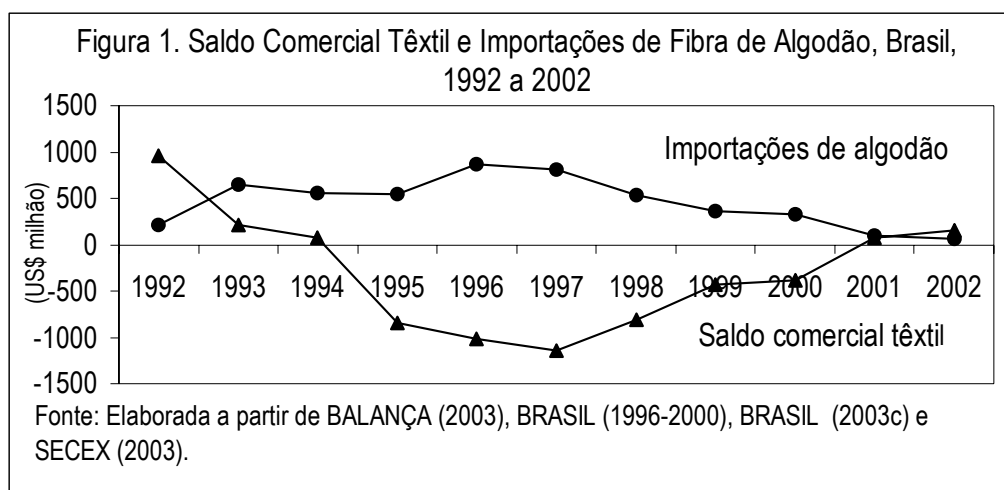


Tabela 1. Valor das Exportações de Produtos com Algodão e Participação no Total de Têxteis e Confeccões

Segmento	Brasil, 2001 e 2002					
	(US\$ milhão fob)					
	2001			2002		
	Algodão (a)	Total (b)	(a/b) (%)	Algodão (c)	Total (d)	(c/d) (%)
Fibras Têxteis	155,2	209,1	74,2	94,3	164,5	57,4
Fios	39,8	101,2	39,3	55,9	107,1	52,2
Tecidos	220,3	271,1	81,3	178,6	225,8	79,1
Confeccões	437,3	536,0	81,6	408,8	506,9	80,7
Outras Manufaturas ¹	14,3	145,5	9,8	12,2	120,9	10,1
Total Geral	866,9	1.306,1	66,4	749,8	1.185,5	63,2

¹ Inclui linha de costura.

Fonte: Elaborada a partir de dados de BRASIL (2003b).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALANÇA Comercial Têxtil, 1975-2001. Disponível em www.abit.org.br. Acesso em: junho de 2003.

BARBOSA, M.Z. et al. **Têxteis de algodão: realidade e perspectivas**. São Paulo, SAA, 1997. 67p. (Coleção Cadeias de Produção da Agricultura, 1).

BRASIL: Consumo Industrial de Fibras e Filamentos, 1970 a 2001. Disponível em www.abit.org.br. Acesso em: junho de 2003a.

BRASIL: Exportações de Produtos Têxteis, 2001 e 2002. Disponível em www.abit.org.br. Acesso em: junho de 2003b.

BRASIL: Importações de Produtos Têxteis. **Carta Têxtil**, SP, 1996-2000.

BRASIL: Importações de Produtos Têxteis, 2001 e 2002. Disponível em www.abit.org.br. Acesso em: junho de 2003c.

BRASIL. Ministério do Trabalho Indústria e Comércio. **Indústria têxtil algodoeira**. Rio de Janeiro, 1946. 353p.

GORINI, A.P.F. Panorama do setor têxtil no Brasil e no mundo: reestruturação e perspectivas. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n.12, p.17-50, set. 2000.

JAYO, M.; NUNES, R. **Competitividade do sistema agroindustrial do algodão**. [CD-ROM]. SP: IPEA/PENSA, 1998. p.252-354.

SECEX/MDIC. Sistema Alice. Disponível em www.mdic.gov.br. Acesso em: junho de 2003.